

Entusiasmo nas obras lembra o início da cidade

O dia-a-dia dos operários nas frentes de serviço envolve esforço e euforia pelo trabalho

As atividades no canteiro de obras do metrô em Samambaia, a exemplo dos demais, começam cedo: às 7h. Nesse horário, os 160 trabalhadores da empresa Serveng-Cilvisan S/A, responsável pela construção do trecho de 6,3 quilômetros de extensão que liga a cidade-satélite a Taguatinga Sul, já estão batendo os seus pontos, posteriormente, eles seguem para o vestiário, onde trocam de roupa para começar o trabalho.

Nos trechos de serviço, os operários permanecem até as 12h, onde são recolhidos para o almoço e devolvidos a 1h. O horário normal de encerramento das atividades é às 17h, quando os trabalhadores são novamente apanhados e levados para as suas residências em conduções da empresa. Alguns serviços, porém, não podem ser interrompidos e acabam obrigando os seus executores a prolongarem sua atividade por maior tempo, geralmente não ultrapassando muito as 18h.

Esta rotina se estende de segunda-feira ao sábado. Apesar de bem definido, o dia-a-dia no canteiro de obras de Samambaia não pode ser resumido apenas no fator cronológico. Ao contrário, a emoção faz parte desta realidade. O ritmo dos trabalhos faz lembrar o início da construção de Brasília.

Emoção — O clima de emoção e preocupação pode ser sentido nos depoimentos dos trabalhadores. “Eu trabalhei na construção da Ferrovia do Aço, mas nunca em uma obra de metrô, por isso tenho muito cuidado e rigor em meu serviço”, conta o topógrafo Ézio Gomes. Casado, pai de dois filhos e residente no Setor O da Ceilândia, ele diz que não se importa em acordar às 6h15 para ir trabalhar e retornar sempre depois das 18h, pois se diz orgulhoso deste trabalho.

Carlito Francisco Freitas, mestre de obras, responsável pela fiscalização dos trabalhos de mais de cem operários, também se diz entusiasmado com o metrô. “Estou há 21 anos na Serveng, sempre construindo obras grandes, como a estação de tratamento de água de Taguatinga. Apesar da experiência ainda não tinha atuado em nada igual”, informa.

RENATO COSTA



Operadores de máquinas, topógrafos e motoristas revelam orgulho em atuar no metrô

Técnicos controlam qualidade e custos

Além dos funcionários da empresa Serveng-Cilvisan S/A, também trabalham no canteiro de obras do metrô em Samambaia, outro tipo de servidor: os do Grupo Executivo do Metrô, responsável pela fiscalização das atividades realizadas no trecho 6,3 quilômetros de obras. São um geólogo, dois engenheiros civis e oito técnicos.

Mesmo atuando diretamente na construção, eles também têm as suas responsabilidades diárias. “O nosso objetivo é acompanhar a execução dos projetos por parte das empresas”, assegura o técnico em obras civis Paulo Rodrigues da Costa. Segundo ele, a equipe verifica todos os detalhes para o cumprimento das determinações necessárias para a qualidade do serviço.

Em cada uma das etapas da obra, as atividades realizadas pelo grupo é ampliada para assegurar esta meta. Nas partes de terraplenagem e pavimentação são feitas várias análises das camadas de materiais usadas no serviço, a fim de verificar se elas atendem às determinações de espessura e compactação exigidas. Neste trabalho se utiliza inclusive de análise laboratorial e a ação seguinte só é aprovada no trecho após a fiscalização.

O mesmo acontece com os trabalhos de topografia e nas obras de arte. Com os primeiros, todos os levantamentos têm que ser checados e somente são aprovados se conferirem integralmente com os projetos. Caso contrário, acabam sendo devolvidos para a empreiteira para que possam ser refeitos. Os trabalhos de construção civil também são verificados com o mesmo rigor, desde a qualidade do concreto usado até a ferragem e demais itens.

Segundo um dos responsáveis por esta fiscalização, o seu objetivo maior é não só garantir a segurança e durabilidade da obra, mas até assegurar que não sejam praticados desperdícios, evitando que o custo final de sua execução, bem como o tempo, superem os previstos na licitação. Neste sentido, acabam sendo exigido um acompanhamento diário do serviço.

Até mesmo na construção de uma simples galeria para escoamento e drenagem de água, como a que está sendo feita próximo a estação do número 32 do metrô, exige-se que os técnicos mergulhem na vala de mais de três metros de profundidade a fim de analisar até a sua topografia. “Não podemos deixar de verificar nada”, explica Paulo Rodrigues da Costa.

Desempregados — Os desempregados também não podem ser esquecidos no cotidiano do canteiro de obras do metrô. Diariamente, dezenas deles se aglomeram no local em busca de um trabalho. São pedreiros, motoristas e pessoas às vezes sem qualificação profissional, que buscam na obra, que irá resolver o problema do transporte coletivo do Distrito Federal, a solução para os seus dramas conjunturais. “A coisa está preta e já estou até passando fome”, conta Elson dos Santos. “Eu aceito qualquer coisa” complementa Augustiano Lauro Bispo, que veio de Santo Antônio do Descoberto.

Os próprios porteiros do local, no entanto, já desestimulam muitos deles. “Não estamos contratando ninguém”, afirmam, lembrando também que a empresa está cumprindo o pedido do governador Joaquim Roriz ao consórcio Brasmetrô, de que os empregados sejam selecionados entre pessoas com mais de três anos de residência em Brasília, dentro das condições estabelecidas para contratação. Há ainda outro tipo de público que não pede nada, mas também é sempre visto próximo às obras: os curiosos. Para estes o importante é ver o andamento dos trabalhos.